

TODOS OS NÓS

2º. ATO (TRECHO 2.6)

Na penumbra da madrugada, uma sutil névoa toma conta da praça. Um banco em frente ao predinho de três andares é ocupado por Leonilda, que chega arrastando o cobertor. Ela senta e começa a falar sozinha em volume bem alto.

- O grande problema é que por aqui é todo mundo difícil.

É inevitável que nessas horas a gente pense: por quê cargas d'água as "pomba", que tinham tanto lugar pra pousar, decidiram ficar justamente aqui? Se duvidar, foi de sacanagem. Podiam ter parado na praia, podiam ter parado no plano, podiam ter parado lá em cima daquela rocha que dizem ser uma taça... E por sinal, eu mesma nunca achei aquilo lá com cara de taça.

Da janela, alguém dá um berro. Leonilda se assusta, vira rapidamente.

- Ah, vá... vá... vá plantar... vá plantar alguma coisa que você... que você escolha, porque diz que a terra aqui é boa. De certo é boa pra plantar. Humpf! Eu nunca dei certo com terra. A última coisa que tentei lidar na terra foi suculenta. E eu regava todo dia, porque se é suculenta, a planta gosta de água, né? Mas ela morreu.

Leonilda ri.

- Agora a gente vai vendo que nem a terra daqui é tão boa assim.

Hiato. Olha pra alguém da plateia.

- Será que o moço ou a dama que o acompanha não podiam me conceder na gentileza expressa de quem mora aqui, um "golinho" desse líquido que bebeis? Não anda fácil viver aqui, porque aqui é tooooodo mundo difíc...]

o celular vibra, Leonilda interrompe a fala, pega o aparelho, tenta ler com dificuldade.

- É Marcineide Regina! Marcineide Regina é um problema. Marcineide Regina não me dá trégua. Eu canso de dizer pra Marcineide Regina que sou maior de idade, sou adulta, sou vacinada, tenho a minha aposentadoria, e que quem tem que ligar pra saber onde a outra está sou eu! Não ela, que por um erro do destino é minha filha. Marcineide, o nome, foi uma homenagem que eu fiz, metade pra minha sogra que chamava Marcia, metade pra minha mãe que chamava Neide. "O Regina" nem sei, mas queria nome composto. E é ótimo ter nome composto, né? Porque aí a gente quando fica "braba" pode dizer o nome todo e dá pra perceber que a gente tá...

Leonilda interrompe a própria fala e atende o celular.



- Diga filha... A mãe tá aqui na frente do prédio.. Uhum. Aqui na praça. Saia aí na janela que já me vê. Tô, tô com o cobertor. Como por quê, Marcineide?! Porque eu quis. Não tava com sono, resolvi descer e ver o movimento...

Leonilda começa a falar mais alto ainda e se afasta do celular. Ela começa a responder diretamente para a janela.

- Marcineide Regina, se eu tô falando que vim ver o movimento, vim ver o movimento e ponto final. Nem que seja o movimento dessas “pomba”. Como que pomba? As “pomba” que decidiram pousar aqui e começaram toda a história da cidade, minha filha!

O guarda se aproxima pedalando a bicicleta. Ele tira o capacete. É bem apessoado.

- Com licença, senhora! Nós recebemos uma denúncia de um morador daqui de perto que disse que há alguém importunando. Sabe como é... A lei do silêncio. Já é de madrugada, e depois das dez da noite só fica tranqueira na rua.

O guarda se afasta um pouco para olhar se há alguma irregularidade.

- Esses dias mesmo, o Clésio, meu colega de trabalho, teve que separar a briga de um casal que morava ali dentro, naquele predinho. (fala apontando). Imagine só. Os dois vieram pra praça, passava das onze, pra brigar. Diz que a esposa estava cuspidando fogo de tão nervosa. Ele perguntava por quê que ela estava nervosa, ela respondia que era por causa “das pomba”, e da samambaia que ele tinha dado de presente. E sabe o que é pior? Parece que quando a briga ficou pior, ela dizia que era a samambaia que ela tinha regado demais e tinha morrido que tinha deixado ela daquele jeito. Dá pra acreditar? O casal saiu do apartamento, veio pra praça, os dois gritavam muito, acordaram “tudo os vizinho”, e de quebra ainda diz que a mulher gritava que o coitado do marido é que era um “tacanho”.

O guarda chega perto e resolve sentar. Ele olha pros lados.

- Não sei por qual motivo vou lhe contar isso, mas pra gente é uma tormenta trabalhar nesse horário. Gente boa nessa hora já tá dormindo, né? Ou então tá acordando pra trabalhar. Até de repente tem estudante que já está se ajeitando pra ir pra escola. Eu já tô quase fechando a minha escala do dia. E hoje nem fui chamado pra atender ocorrência mais grave. Nem de facada, nem de ladrão. Me chamaram pra fazer algum bêbado chato que ficava falando alto aqui na praça ficar quieto...

Leonilda olha pro guarda e diz:

- Tá certo, seu guarda. Tá certo! Mas pode ir, que por aqui as pessoas são muito difíceis mesmo, umas brigam por causa de samambaia, outras nem sabem a diferença entre samambaia e suculenta. E outras só tem insônia. Maldita insônia! Malditas pombinhas que decidiram parar aqui...

Leonilda levanta, dá um tapinha nas costas do guarda, se enrola no cobertor e entra no prédio.